



remaea

Educação Ambiental entre o negacionismo e as fake news: intersecções discursivas

Joseeldo da Silva Júnior¹
Universidade Federal da Paraíba
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3872-9425>

Gracimário Bezerra da Silva²
Universidade Federal de Campina Grande
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0681-6249>

Francisco Vieira da Silva³
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>

Resumo: Este artigo objetiva propor uma Educação Ambiental, à luz da análise do discurso foucaultiana, como instrumento que intente para a desmistificação de fake news reverberadas na mídia. Para isso, propomos o estudo de fake news verificadas pelo *site* Fakebook.eco, fact-checking que analisa conteúdo de teor falso – ou duvidoso – que versa sobre a temática ambiental. Este empenho põe em evidência duas verdades: a “verdade inventada” e a “verdade verificada”, as quais, conforme constatado, ora se baseiam em critério científico, ora em critério ideológico, este último muitas vezes permeado por viés negacionista. Metodologicamente, esta pesquisa se caracteriza por ser de cunho qualitativa e de teor descritiva-interpretativa e tem como base teórica os pressupostos do filósofo Michel Foucault. Os resultados das análises apontam para densos embates discursivos, tendo a ciência como fundamento que embasa as discussões ambientais.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Fake news. Verdade.

Educación ambiental entre *fake news* y negación: intersecciones discursivas

¹ Mestre em Linguística. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: joseeldojr@gmail.com

² Doutorando em Engenharia Química. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: eng.gracimario@hotmail.com

³ Doutor em Linguística. Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Resumen: Este artículo tiene como objetivo proponer una Educación Ambiental, a la luz del análisis del discurso de Foucault, como un instrumento que pretende desmitificar las *fake news* que repercuten en los medios de comunicación. Para ello, proponemos el estudio de *fake news* verificadas por el sitio web Fakebook.eco, un fake-check que analiza contenidos falsos - o dudosos - que tratan la temática medioambiental. Este esfuerzo pone de relieve dos verdades: la "verdad inventada" y la "verdad verificada", que, como se señaló, a veces se basan en criterios científicos, a veces en criterios ideológicos, este último a menudo permeado por un sesgo de negación. Metodológicamente, esta investigación se caracteriza por ser cualitativa y descriptiva-interpretativa y tiene como base teórica los supuestos del filósofo Michel Foucault. Los resultados de los análisis apuntan a densos choques discursivos, teniendo la ciencia como base que sustenta las discusiones ambientales.

Palabras-clave: Educación ambiental. *Fake news*. Verdad.

Environmental Education between fake news and denial: discursive intersections

Abstract: This article aims to propose an Environmental Education, in the light of Foucault's discourse analysis, as an instrument that intends to demystify fake news reverberated in the media. For this, we propose the study of fake news verified by the Fakebook.eco website, a fact-checking that analyzes content of false – or doubtful – content that deals with the environmental theme. Our effort highlights two truths: “invented truth” and “verified truth”, which, as noted, are sometimes based on scientific criteria, sometimes on ideological criteria, the latter often permeated by a denial bias. Methodologically, this research is characterized by being qualitative and descriptive-interpretative and has as its theoretical basis the assumptions of philosopher Michel Foucault.

Keywords: Environmental Education. Fake news. Truth.

Introdução

Será que o sol sai pra um voo melhor? / Eu vou esperar, talvez na primavera / O céu clareia, vem calor / Vê só o que sobrou de nós e o que já era.

Em colapso o planeta gira, tanta mentira / Aumenta a ira de quem sofre mudo / A página vira, o são delira, então a gente pira / E no meio disso tudo, 'tamo tipo... (trecho de música Passarinhos, interpretada por Emicida e Vanessa Da Mata).

A epígrafe que inicia este manuscrito traz parte da letra da música Passarinhos, interpretada por Emicida e Vanessa da Mata, cuja leitura imprime uma crítica aos danos ambientais e pontua a preocupação em saber o que sobrou de nós diante dos atuais e preocupantes acontecimentos climáticos. A canção de Emicida e Vanessa da Mata explicita veladamente o desprezo ao mundo, que rotaciona em colapso, em meio a ira da população que sofre calada. Trata-se, em suma, de um manifesto musical que provoca reflexão sobre o meio ambiente, temática que, nas últimas cinco décadas passou a ser a ordem discursiva do dia (FOUCAULT, 2014), mas que, com efeito, nem sempre foi motivo de inquietação.

Dias (2019) mostra que, somente a partir de 1962 a questão ambiental ganhou foco mundial e se tornou pauta de discussão nos órgãos reguladores, sobretudo após o alerta feito por Rachel Carson em seu livro *Primavera Silenciosa*. A autora atuou no Departamento de Caça e Vida Selvagem dos EUA e conheceu de perto a reação negativa dos pesticidas químicos na vida alimentar da população. Esse estalo intensificou a discussão sobre os impactos ambientais em razão do uso indiscriminado de substâncias prejudiciais nos Estados Unidos e países afora, agora preocupados com os possíveis danos à natureza. Dias (2019) aponta que a conscientização dos problemas ambientais e sociais ocorreram paulatinamente, tendo os encontros do ano de 1968 – a saber: Clube de Roma, Conferência de Estocolmo e Conferência promovida pela UNESCO em setembro desse ano – se tornado um marco nas discussões, haja vista as metas e os programas planejados para a temática ambiental.

Tem-se, com isso, a instituição de um regime de verdade (FOUCAULT, 2017), ou seja, a instauração de uma série de enunciados que passam a operar como verdadeiro. O cuidado e a preservação do meio ambiente, nesse sentido, tornaram-se discursos que demandam aspectos científicos que ora produzem uma vontade de verdade, ora uma mentira da verdade (BENEVIDES, 2013), pensando que há, em cada sociedade, em cada cultura, “uma produção das verdades, ou melhor, à produção de ‘verdades interessadas’”. (FERNANDES JUNIOR; DRUMMOND, 2018, p. 35). Evidentemente, quando se argumenta que a verdade, mesmo aquela respaldada pela ciência, é construída, não se ignora a competência, as técnicas, os procedimentos e as construções empíricas que resultam no saber científico. É uma construção verdadeira afirmar, por exemplo, que o mundo passa por graves problemas ambientais e que isso reverbera negativamente na sociedade. Trata-se de um discurso validado cientificamente e que ressoa nos acontecimentos cotidianos em forma de temperaturas extremas, aumento de nível do mar, derretimento das calotas polares etc., citando poucos exemplos.

No entanto, mesmo que haja fatos materializados e rigidamente comprovados, há a prevalência de uma formação discursiva que se contrapõe à existência da degradação ambiental, exatamente porque embora a “verdade” esteja “[...] centrada na forma do

discurso científico e nas instituições que o produzem”, ela é ainda “objeto de debate político e confronto social (as lutas ideológicas)” (FOUCAULT, 2017, p. 52), constituindo, portanto, um campo de adversidade e promovendo, nesse corolário problemático, o que hoje parte da sociedade chama de fake news, ou seja, uma prática discursiva que produz efeitos de realidade em razão da inexistência de respaldo científico e fontes confiáveis de informações (SILVA E SILVA JÚNIOR, 2021). Com efeito, embora as fake news aparentemente figurem como um elemento eminentemente político-partidário ou eleitoral, “[...] o fenômeno também tem sido observado em temas como meio ambiente” (RECUERO; SOARES, 2020, p. 65), corporificando o debate negacionista da atual crise socioambiental.

O fato é que os efeitos da propagação das fake news são múltiplos. É impossível, por exemplo, mensurar o impacto de uma informação falsa, embora haja evidência de que há o favorecimento de políticos ou/e o acirramento de discussões importantes – vide o Brexit em 2016 (D’ANCONA, 2018) e a campanha eleitoral brasileira em 2018 (DOURADO, 2020). Nessa toada, como solução da irrestrita disseminação de fake news, a checagem de fato irrompe como “uma mudança de paradigma rumo ao compartilhamento de fatos com credibilidade” (FERRARI, 2018, p. 134), na seara da prática discursiva jornalística. Noutra ponta, desta vez no âmbito jurídico, pululam iniciativas que visam a coibir e punir o compartilhamento de fake news como outra possível solução para o problema. No entanto, conforme mostram Da Silva Junior e Silva (2020), a educação, aliada a checagem, revela-se um instrumento viável para a distinção do que seria verdadeiro ou falso. Dessa forma, diante da generalização das fake news, cuja disseminação também repousa no campo ambiental, é imprescindível a atuação de uma educação crítica, mais precisamente uma Educação Ambiental crítica apontada “para a propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação” (JACOBI; LUZZI, 2004, p. 01), num amplo consórcio com a sociedade, que vise construir uma consciência crítica sobre as fake news.

A Educação Ambiental (EA), muito mais do que um campo que contribua para a racionalização da proteção ambiental mediante práticas como seletividade na coleta ou economia de energia e água, deve privilegiar “o diálogo e a interdependência de diferentes

áreas de saber”, consoante Jacobi (2003, p. 191), a fim de promover, nesta sociedade cada vez mais informacional, a “construção de referenciais ambientais” para usá-los “como instrumentos para o desenvolvimento de uma prática social centrada no conceito da natureza” (JACOBI, 2003, p. 193). A Educação Ambiental pode e deve propor o diálogo e o intercâmbio com instrumentos atípicos que fomentem o conhecimento para a sociedade além dos mecanismos formais recorrentes. Nesse sentido, com vistas a pluralizar o debate acerca das iniciativas que promovam um pensamento sustentável e ecologicamente correto, objetivamos propor o uso da Educação Ambiental como instrumento de desconstrução às fake news, tomando como objeto de análise o checador Fakebook.eco, página na *web* que contradiz discursos inverídicos sobre o meio ambiente, empregando uma vontade de verdade alinhada aos acontecimentos históricos e discursivos bem como proposições científicas.

Como recurso metodológico, este manuscrito estabelece o diálogo com os pressupostos de Michel Foucault e a Análise Discursiva proposta a partir de suas teorizações, particularmente as noções de verdade, enunciado e discurso. Trata-se de um estudo de viés descritivo-interpretativo que propõe a análise de duas materialidades enunciativas organizadas em séries enunciativas, montadas mediante os seguintes parâmetros: i) fake news acerca das questões climáticas; e ii) fake news sobre as questões florestais. Interessamos, neste artigo, problematizar o uso do Fakebook.eco com o propósito de situá-lo como elemento político-pedagógico para a Educação Ambiental com vistas ao debate que intersecciona fake news, meio ambiente e negacionismo.

Ao optarmos por séries enunciativas, consoante o que dispõe o campo da Análise do Discurso Foucaultiana, lançamos mãos de uma “rede de enunciados que, dentre os mais diversos funcionamentos discursivos, empregam as mesmas regras de formação” (VOSS E NAVARRO, 2013, p. 103). Neste manuscrito, prevalece, como é notório, as questões ambientais correlacionadas às fake news, caracterizando, portanto, as mesmas regras de formação discursiva.

Dito isso, em relação à estrutura deste manuscrito, ele se encontra organizado em quatro eixos, além deste tópico introdutório. No primeiro, discutimos o aparecimento do

discurso sustentável e as suas particularidades no que dizem respeito ao desenvolvimento, pontuando a relação com economia e sociedade. Mais à frente, no segundo eixo, intersecionamos Educação Ambiental, fake news e negacionismo, convidando o leitor a refletir uma educação pautada pela consciência crítica com vistas à busca pela verdade verificada. Posteriormente, no penúltimo tópico, produzimos breves análises discursivas a partir de duas fake news verificadas pelo site Fakebook.eco, para, finalmente, tecermos breves considerações finais, pontuando que a Educação Ambiental pode ser um importante instrumento na desconstrução das fake news.

Sustentabilidade ambiental em discurso

O discurso, consoante Foucault (2010), constrói-se mediante práticas, entre a verdade e as relações de saber-poder. Nesse entendimento, Leff (2006, p. 280), ao explicitar a noção de saber ambiental, afirma que ele “se inscreve nas formações ideológicas do ambientalismo e nas práticas discursivas do desenvolvimento sustentável”, incorporando defesas do meio ambiente que passam pela ideia de sustentabilidade ecológica, equidade social e solidariedade transgeracional. Trata-se de um paradigma fomentado em razão da problemática ambiental, social e econômica em que atravessa o mundo, cujo efeito deve ser, conforme aponta Leff (2006), a produção de uma racionalidade ambiental.

A crise ambiental, como sabemos, e ventilado pelos estudiosos das mais diversas áreas, ocorre graças ao uso deliberado dos recursos ambientais, num gesto que visa fazer funcionar continuamente a máquina capitalista, cuja lógica reincide no lucro irracional. O saber ambiental, nesse diapasão, põe em xeque o modelo atual econômico e igualmente sustenta uma agenda sustentavelmente positiva, notadamente o que a sociologia designa como economia verde. O *ponto x* da questão centra-se no desenvolvimento de uma economia verde cujo foco é a diminuição da desigualdade desta e das próximas gerações (DINIZ; BERMAN, 2012), possibilitando de um lado a diminuição da emissão de carbono e, de outro, a inclusão social. Trata-se, no entanto, de um debate povoado de embate, conforme aponta Romeiro (2012), sobretudo em razão das correntes teóricas que ora visam aliar o crescimento e distribuição de renda, ora o decrescimento, para oportunizar espaços aos

países pobres. Economia verde aqui citada é somente uma mutação discursiva de uma série de outras propostas em que se discute economia e meio ambiente, numa tentativa de *encontrar a solução do problema para o mundo*.

Com efeito, a emergência do saber ambiental irrompe como uma formação discursiva (FOUCAULT, 2010) na qual se inscrevem um dado discurso, que baliza, constitui e fabrica conhecimento. Nessa toada, a busca pela sustentabilidade ambiental constitui um objeto do discurso em que circulam séries de enunciados, ora de teor econômico, ora social ou biológico. Mas é certamente o campo discursivo da economia a região de maior disputa e embate, norteadas pela problemática da possibilidade de “equilibrar crescimento econômico ilimitado” (CAVALCANTI, 2012, p. 37). É verdade, no entanto, que o crescimento econômico deixou de lado o equilíbrio, haja vista desastres ambientais como o rompimento da barragem em Mariana/MG, fazendo parecer, com isso, que o discurso da sustentabilidade ambiental esteja somente restrito às estratégias de *marketing* ou em planos de gestão ambiental impraticáveis, cujo único interesse é o alinhamento às normas burocráticas.

É pertinente notar a leitura que Cavalcanti (2012) faz sobre crescimento sustentável, ao problematizar, semanticamente, o crescer sustentável sem agredir à natureza. O autor está com a razão quando diz que só se pode haver crescimento se for sustentável, pois do contrário, se ele é insustentável, haverá de ter fim, irá acabar. Parece, num primeiro momento, tratar-se de uma interpretação rasa, incoerente ou sem nexos, contudo, do ponto de vista linguístico, é compreensível que, se *ser sustentável* significa crescer economicamente preocupado com os recursos ambientais, ora, em que momento o crescimento seria possível sem o acesso aos bens naturais? Conforme Cavalcanti (2012, p. 36), “o desenvolvimento sustentável é aquele que dura. Quem o sustenta em primeiro lugar é a natureza, o ecossistema, do qual dependemos para tudo. Dessa forma, para que possa sustentar-se, ele tem que levar em conta as regras e os limites da natureza”. Assim, não é razoável afirmar que o crescimento é sustentável se há o abuso dos recursos – ou simplesmente o uso dos recursos, ainda que moderadamente.

Cada vez mais tem se tornado comum marcas internacionais passarem a mensagem de sustentabilidade à sociedade. O aplicativo de entrega *iFood*, apenas para citar um

exemplo, anunciou em julho de 2021 a iniciativa de reduzir a emissão de carbono através do mercado de crédito de carbono como ação que visa compensar a poluição causada nas entregas, em sua maioria absoluta feitas por meio de motocicletas. Em outro momento, a empresa havia anunciado a substituição de embalagens plásticas por embalagens biodegradáveis, numa iniciativa que parece causar muito mais impacto midiático do que prático, do ponto de vista ecológico. A ação, aliás, foi curiosamente lançada durante a exibição de um episódio do programa Big Brother Brasil 21, na TV Globo, após forte crítica do público em razão das embalagens plásticas terem sido usadas por uma participante, em uma ação de *merchandising*. Ao que parece, o jogo de *marketing*, como estratégia para atender ao apelo do público vai ao encontro do que ativistas ambientais denominam pejorativamente de *greenwashing* (no português, maquiagem verde), propaganda que consiste, conforme Pagotto (2013, p. 51), na redução da “experiência de consumo à simples troca de bens materiais”, na qual desconecta o consumidor “de todos os processos e impactos (sociais, econômicos, ambientais etc)” e visa, sobretudo, a satisfação e o impacto da audiência.

É certo que o discurso sustentável, embora transpareça boa impressão social e ecológica, é marcado por contradições e até mesmo, consoante Veiga (2017, p. 245), por ser “uma grande utopia contemporânea”. No entanto, o discurso da sustentabilidade não dispõe somente de aspectos pessimistas; pelo contrário, para boa parte da população, esse discurso imprime responsabilidade para com o mundo, consoando com a sociedade positiva da qual fala Han (2017). Ou seja, o discurso sustentável, exatamente por ser um discurso transparente, que precisa ser visto, exposto, elimina qualquer vestígio de negatividade, sobretudo em relação à natureza. Afirma Han (2017, p. 28) que, nessa sociedade positiva, “na qual as coisas, agora transformadas em mercadorias, têm de ser expostas para ser, seu valor cultural desaparece em favor de seu valor expositivo”, denotando uma ideia valorativa e passível de consumo. Valendo-se do pensamento de Foucault (2014), o discurso da sustentabilidade encontra-se no verdadeiro da época e, igualmente, na ordem do discurso.

Para uma Educação Ambiental em tempos de fake news e negacionismo

Começamos esta seção com a leitura de um fragmento escrito pelo guru da extrema-direita brasileira Olavo de Carvalho. Nele, o ensaísta se refere ao aquecimento global, fenômeno climático considerado por ele como uma fraude e montada por ecologistas que se dispuseram “a colaborar na construção do mito do planeta ameaçado pela liberdade de mercado” (CARVALHO, 2013, p. 220). Vejamos a seguir.

Em 2006 o slogan “aquecimento global” ainda podia parecer um aviso de amigo. Decorridos dois anos, **não só milhares de cientistas contestam abertamente esse dogma, mas até crianças de escola estão aptas a desbancar a lenda imposta ao mundo** pela campanha bilionária em que brilha como supremo garoto-propaganda o ex-vice-presidente americano Al Gore. (CARVALHO, 2015, p. 108, grifos nossos)

Notadamente, a visão de Olavo de Carvalho evidencia um discurso negacionista que circunscreve o debate mundial sobre a crise climática, sobretudo quando se discute o aquecimento global. Considerado filósofo – precisamente o filósofo da extrema-direita – Olavo de Carvalho fomenta falas imprecisas, duvidosas e muitas vezes sem qualquer respaldo científico. É autor de uma série de livros e nutre respeito por autoridades brasileiras, a exemplo do presidente Jair Bolsonaro. Mas muito mais do que ser o guru presidencial, Olavo de Carvalho é, na esteira do que diz Proctor (2008), um agnotologista⁴, ou seja, mantém uma relação com a ignorância, cuja prática discursiva é encapada pela desinformação, e toma a ciência como aliada apenas ao que convém. Observemos que Olavo, ao mencionar o aquecimento global e classificar como dogma, afirma que “milhares de cientistas contestam abertamente” o fenômeno climático, sem, no entanto, especificar ou indicar quais os cientistas, onde e exatamente que instituição representam, ao irem contra o aquecimento global. Trata-se, com efeito, de um discurso inerte, característico de uma fake news, o que nos leva, portanto, a constatar que o negacionismo, em algum momento, opera através de fake news, por um discurso desinformativo, em que se considera apenas e exclusivamente fatos pessoais e convenientes.

⁴ Agnotologista é uma derivação de agnotologia, termo criado por Robert Proctor para definir o que entende por estudo da ignorância, ou seja, prática discursiva em que se apoia no desprezo pela ciência. A agnotologia considera que há um esforço de pôr em xeque os fatos cientificamente comprovados em detrimento de uma opinião conveniente, que importa para si mesmo, uma pós-verdade, ignorando, portanto, estudos e pesquisas.

Danowski (2020, p. 14) afirma que não há uma única forma de negar a ciência, de negacionismo, mas “várias formas e sentidos e negação”. Logo, as fake news, como estratégia para desinformar, também se apresenta como uma tática do negacionismo. Em consonância com a negação, a ignorância, conforme aponta Leite (2014, p. 180), é “resultado de uma intervenção política e cultural ampla, que tem como objetivo obscurecer a informação e a compreensão da população”, independentemente do assunto. É assim com a negação à eficácia da vacina, através de movimentos antivacinas (SILVA E SILVA, 2019); assim também é com a contestação à existência do aquecimento global. Olavo de Carvalho, aqui no Brasil, foi seguramente a principal voz e a mais emblemática quando se pensa em negacionismo, nesta contemporaneidade, seguido de outros atores sociais que marcaram posição no Governo Bolsonaro, como o ex-ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, que igualmente apontou para a inexistência do aquecimento global. Na sua concepção, o “climatismo” é uma pauta ambiental com vistas a dar poder ao Estado e enfraquecer a independência do mercado, com argumentos de que há aumento da temperatura da Terra em razão do lançamento de CO₂ na atmosfera.

Entre as fake news e o negacionismo, buscamos interseccionar a Educação Ambiental como um instrumento de (re)mediação, de maneira que promova a elucidação de conteúdo mentirosos ou/e enganosos sobre a temática ambiental, dado que, enquanto prática político-pedagógica, a Educação Ambiental visa, conforme Pelicioni (1998, p. 22), “possibilitar o desenvolvimento e a escolha de estratégias de ação, que venham contribuir para a construção do processo de cidadania e para a melhoria da qualidade de vida da população”. Há um tempo tem-se visto a atuação de uma Educação Ambiental plural, seja ela apoiada numa corrente mais tradicional, como as correntes naturalistas, humanista, moral/ética, seja ela apoiada numa corrente mais recente, a exemplo das correntes crítica, feminista, biorregionalista etc. (SAUVÉ, 2008). Mesmo eivada de nuances, a Educação Ambiental pauta-se pela necessidade de problematizar a complexidade ambiental diante das “[...] possibilidades que estão colocadas para, ao pensar a realidade de modo complexo, defini-la como uma nova racionalidade e um espaço onde se articulam natureza, técnica e

cultura”, apoiando-se “[...] numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas de saber” (JACOBI; LUZZI, 2004, p. 03).

O atual contexto – marcado por conflitos e dissensos – exige uma Educação Ambiental compromissada com uma política pedagógica que saiba lidar com a crise infodêmica (OMS, 2020) ambiental e que saiba desenvolver “[...] habilidades de investigação crítica das realidades do meio em que vivemos e de diagnóstico de problemas que se apresentam” para que, nós, enquanto sujeitos sociáveis, possamos tomar consciência de que “[...] os problemas ambientais estão essencialmente associados a questões socioambientais ligadas a jogos de interesse e de poder, e a escolhas de valores” (SAUVÉ, 2005, p. 318). Essa investigação crítica da realidade passa pela contemporânea difusão de fake news, a qual, ao emergir na política, “[...] a região onde a grande é mais cerrada” (FOUCAULT, 2014, p. 09), irrompe uma cadeia de disputa ideológica. O discurso científico negacionista, nesse âmbito, é face da mesma moeda, uma vez que, ao entrar nessa ordem discursiva, passa a ser controlado, selecionado, organizado, redistribuído “por um certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 2014, p. 08).

A Educação Ambiental, nessa esteira, lança-se ao desafio de provocar fissuras no conhecimento, de promover a conscientização crítica e, sobretudo, mostrar a importância de construirmos um futuro em comum ecologicamente sadio. A sua relação com a fake news – e por consequência o negacionismo – promove, ao desconstruí-la, a irrupção de uma “verdade verificada” ante a uma “verdade inventada”. A verdade verificada é uma verdade-demonstrativa, pois “coincide com a prática científica” (FOUCAULT, 2006, p. 302), e cujo aparecimento se dá por ocasiões bastante específicas e é produzida de tempos em tempos e sob certas circunstâncias. No caso deste estudo, trata-se de uma verdade verificada haja vista que é enunciada graças à checagem de fato. Por outro lado, a verdade inventada é uma verdade-acontecimento, ou seja, “uma verdade que não é constatada, mas que é suscitada” bem como também “uma verdade que não se dá pela mediação de instrumentos, mas que se provoca por rituais, que se capta por artimanhas” (FOUCAULT, 2006, p. 304). Assim, temos, portanto, que a Educação Ambiental lida tanto com a verdade inventada como com a verdade verificada, conforme veremos no próximo tópico.

“Crer ou não crer?, eis a questão”: enunciações sobre o meio ambiente

“Crer ou não crer?, eis a questão!”. Esta frase, paráfrase da fala de Hamlet, personagem da peça de William Shakespeare (2015), traduz bem a problemática contemporânea que as fake news nos trouxe. Mesmo que estejamos imersos na era da informação, dado o acesso democrático às mídias e à internet – ainda que precário e desigual, conforme aponta os relatórios produzidos pela Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Cetic.br|NIC.br)⁵ –, saber distinguir o que é verdadeiro ou não, passa, na atual conjectura, pela necessidade de checagem. Ou seja, compete a nós o exercício de uma prática pessoal e profissional, esta última ainda mais, a fim de que possamos “classificar o problema, refletir, argumentar sobre ele e agir para solucioná-lo”. (VITORINO; PIANTOLA, 2020, p. 96). Essa tarefa, graças aos serviços profissionais de checagem jornalística, tende a possibilitar maior agilidade e eficácia na compreensão e distinção do conteúdo duvidoso.

É importante pontuar, contudo, que as checagens de fato não são instituidoras da VERDADE, embora existam com o compromisso de restabelecer UMA VERDADE. Albuquerque (2021), por exemplo, tece duras críticas ao modelo atual de combate à desinformação, o que ele chama de Ministério da Verdade Corporativa, uma vez que os agentes de checagens obedecem uma lógica tecnocrática, além de serem alinhadas a certos setores ideológicos da política brasileira. De todo modo, sem aqui querer problematizar esse instrumento, o fato é que, enquanto mecanismo de “identificação e classificação para verificação da informação” (OLIVEIRA, 2020, p. 09) ele supre, em parte, a ausência de ferramentas e ações eficientes no enfrentamento à desinformação.

⁵ O relatório intitulado “Fronteiras da inclusão digital: dinâmicas sociais e políticas públicas de acesso à Internet em pequenos municípios brasileiros”, por exemplo, mostra a dinâmica do acesso às redes em municípios com até 20 mil habitantes. A pesquisa evidencia que regiões mais distantes tendem à precariedade na conectividade, o que resulta no afastamento da participação de certos grupos da população em debates públicos. Para ter acesso ao relatório, clique no link a seguir: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/11/20220926165821/estudo_fronteiras_da_inclusao_digital_2022.pdf. Outros dados e números podem ser encontrados também diretamente no site da Cetic.br.

É o caso da agência Fakebook.eco, lançada em 2019, com o objetivo de verificar informações falsas sobre o meio ambiente, desde discursos de autoridades e instituições à conteúdo do cotidiano relativo à natureza, classificando como “mito” ou “fato”. Especificamente sobre esta última categoria, iniciamos as análises a seguir, propondo a alternativa de “verdade inventada” para o que o Fakebook.eco afirma ser “mito” e “verdade verificada” para o que se entende por “fato”.

Série enunciativa 01:

Verdade inventada: O aquecimento do planeta não é ruim.

Verdade verificada: O aumento da temperatura global traz impactos negativos para a saúde, o meio ambiente, a agricultura e a economia.

Fonte: <https://fakebook.eco.br/mito-o-aquecimento-do-planeta-nao-e-ruim>, 2021.

Neste primeiro enunciado, temos que a “verdade inventada” diz respeito ao aquecimento global, que, conforme visualiza-se no título, não traz malefício para o planeta. Em contrapartida, ao verificar a informação, o Fakebook.eco informa que o aquecimento global não só traz problemas para o meio ambiente, como também para a saúde, a agricultura e economia. A verificação da agência se baseia em uma publicação produzida num *site* inglês intitulado *WND*, cuja informação extraída é: “Dois mil anos de história humana dizem que os períodos quentes foram bons para as pessoas. Foram os períodos instáveis e severos da Idade das Trevas e da Pequena Era do Gelo que trouxeram maiores tempestades, geadas fora de época, fome generalizada e pestes...”. Para rebater a “verdade inventada”, o Fakebook.eco elenca uma série de setores em que o aquecimento global é, na verdade verificada, um problema ameaçador.

A dificuldade neste discurso se baseia no fato de que, tanto a “verdade inventada” quanto a “verdade verificada” são sustentadas em proposições científicas. Ou seja, há duas formações discursivas em que a verdade é utilizada como um elemento de poder e disputa de narrativa, cujo alicerce é a ciência. Logo, a distinção para ambas as verdades reside na sua origem: enquanto a “verdade inventada” parece advir de fontes duvidosas, ainda que se credite à cientistas que, em algum momento tenham feito integrado instituições sérias,

perde credibilidade para a “verdade verificada” exatamente por ela ser oriunda da própria instituição. No caso concreto, a existência do aquecimento global é atestada pelo IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), pertence ao Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), com parcerias de entidades vinculadas à ONU.

A “verdade”, consoante Foucault (2017, p. 54), “está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam”, resultando disso o irrompimento de enunciados que “circula[m], serve[m], se esquivam, permite[m] ou impede[m] a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses” (FOUCAULT, 2010, p. 119). Logo, a “verdade” é uma instância complexa e, a depender do juízo, difícil de apreendê-la. O objetivo do Fakebook.eco, ao contestar “o mito do aquecimento global”, é pontuar cada consequência que a mudança climática ocasionou – e pode ocasionar – na sociedade, economia e meio ambiente. Cita, por exemplo, a acidificação dos oceanos, demonstrando, a partir de dados e publicações em revistas científicas, que está ocorrendo uma mudança de Ph dos oceanos em consequência do excesso de CO₂ em contato com a água. Em outro ponto, afirma que o aquecimento global provoca o aumento do nível do mar, cujo efeito recairia desde a invasão de água em regiões mais baixas até a contaminação da água dos rios.

A busca por essa “verdade verificada” põe a Educação Ambiental na responsabilidade de se respaldar em entendimentos científicos em que tenha as instituições como centro e mediadora do saber ambiental, que oriente verdadeiramente a humanidade para “a construção de ambiente que harmonize os aspectos humanos e naturais, considerados essenciais para o bem-estar dos humanos” (BARBIERI; SILVA, 2011, p. 54). O aquecimento global, embora classificado como historinha falaciosa (EGOSHI, 2019), é corroborado, conforme pontuado, pelo IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), entidade parceira das Organizações das Nações Unidas (ONU). Esse discurso é, dentre outras informações difundidas sobre o meio ambiente, o que mais promove embate narrativo, dado o seu forte teor científico. Na segunda série enunciativa, a seguir, nos deparamos, mais uma vez, com esse tipo de embate discursivo.

Série enunciativa 02

Verdade inventada: O Brasil é o país com mais florestas no mundo
Verdade verificada: Há 29 países com mais florestas que o Brasil em relação ao território

Fonte: <https://fakebook.eco.br/mito-brasil-e-o-pais-com-mais-florestas-no-mundo>, 2021.

Esta “verdade inventada” reverberou após discurso do presidente Jair Bolsonaro na ocasião no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, em 2019. Em suas palavras, “nenhum outro país do mundo tem tantas florestas como nós”, ao referir-se ao Brasil. O Fakebook.eco, ao verificar o teor da fala do presidente, constata que é a Rússia o país com a “maior área florestal do mundo em termos absolutos”, sendo detentora de 815 milhões de hectares. O Brasil, ao contrário do que afirmou o mandatário, tem “488 milhões de hectares de florestas naturais e 9,9 milhões de hectares de florestas plantadas no país (58,5% do território)”, segundo dados levantados pelo Fakebook.eco em consulta ao Serviço Florestal Brasileiro (SFB) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Assim como na “verdade inventada” constante na série enunciativa 01, o discurso de Bolsonaro se filia em estudo paralelo, sem ou pouca credibilidade. Desta vez foi divulgado pelo então chefe da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) Territorial, o agrônomo Evaristo de Miranda, o qual afirma que o Brasil protege tanto suas matas que não resta espaço para a atuação da agropecuária. O Fakebook.eco, no entanto, ao contestar essa verdade, pontua que os números divulgados pelo agrônomo não refletem a atual situação das florestas no país e que, com efeito, baseando-se em outro estudo científico, o agrônomo faz uso de uma “estatística criativa”. A pesquisa intitulada “Os dados apoiam as afirmações de que o Brasil é líder mundial em preservação ambiental?”, publicada na revista científica *Environmental Conservation*, da *Cambridge University Press.*, aponta na direção de que as conclusões da Embrapa Territorial “[...] são precipitadas e desconhece o real estado de preservação da flora brasileira nas propriedades rurais” (VACCHIANO, SANTOS; ANGEOLETTO, 2019, p. 118).

A estratégia discursiva de Bolsonaro vai ao encontro do que Rodriguez (2020) entende por perversão, isto é, formas distorcidas de fatos científicos, jornalísticos, históricos e de direito. Bolsonaro, aqui, perverte os fatos científicos e cria realidades alternativas (D’ANCONA, 2018). Esse investimento de Bolsonaro na tentativa de “falsear a verdade” visa

produzir a ideia de que, com muitas florestas, não haveria problema no desmatamento, possibilitando, portanto, a atuação do setor agropecuário. É como se, com tal discurso, houvesse a permissão para a matança florestal, justificado na alta demanda de árvores. Dito de outra forma, mata-se, por haver grande quantidade de árvores preservadas, logo não haveria desestabilização do meio ambiente.

Essa “vontade de verdade” (FOUCAULT, 2014) de dizer o que bem entender e quando bem entender, mesmo que ancorado num saber científico, contribui para a desinformação e atuação de atitudes ecologicamente insustentáveis. Daí que, para uma construção crítica de consciência ambiental, o investimento em/na/da Educação Ambiental propicia o contato entre não apenas uma “verdade verificada”, mas uma verdade ecológica, compromissada com o futuro sustentável.

Considerações finais

Os desafios atuais requerem de nós cada vez mais soluções criativas, a fim de corresponder às expectativas desta sociedade em crise – seja ela ambiental, informacional ou social. A Educação Ambiental, nesse horizonte, irrompe como potencial instrumento político-pedagógico para a mediação de problemas ambientais. Neste estudo, propomos que ela, enquanto balizadora por excelência do saber ambiental, promova o encontro com a verdade, a verdade científica, histórica e/ou jornalística, em detrimento da verdade-inventada (propagada), falseada, produzida em razão de crenças particulares, fé distorcida e opiniões convenientes, esta pós-verdade que, aparentemente forjada como a própria mentira em si, é um elemento que a produz, um mecanismo que combina, de forma calculada, “observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira” (DUNKER, 2017, p. 38). A fake news, nessa esteira, é apenas mais um instrumento, outro produto dessa máquina de invenções de realidades.

Ao propormos uma Educação Ambiental preocupada com as fake news, assim fazemos por entender que esta prática discursiva é capaz de suscitar graves problemas ambientais. No passado, conforme nos conta a história, as eleições dos Estados Unidos e o

Brexit (D'ANCONA, 2018), em 2016, e as eleições presidenciais no Brasil (DOURADO, 2020), em 2018, tornaram-se problemáticas dado a conjuntura permeada por conteúdo falso. Nessa lógica, o meio ambiente não escapa, portanto, dessas mesmas fake news. Percebamos que, ao longo do nosso estudo, as verdades inventadas foram inclusive reproduzidas por um chefe de Estado, em razão, ao que parece, de promover suas crenças e defesas ideológicas.

A partir das análises, pode se constatar que, enquanto a verdade verificada se ancora em elementos fatídicos, espelhados na realidade, nos acontecimentos cotidianos, a realidade inventada parece se dispor de meras teorizações, na esteira do negacionismo científico. A primeira é produzida consoante às proposições científicas ratificadas por instituições e órgãos respeitados, enquanto esta última é fabricada a partir de estudos paralelos, por um grupo ou sujeito que visam, aparentemente, defender suas ideologias. Cabe à Educação Ambiental, nesse interstício entre fake news e meio ambiente e enquanto instrumento para as práticas pedagógicas, ser a mediadora desse conflito entre a verdade verificada *versus* verdade inventada, valendo-se de ferramentas como os checadores de fato, como o Fakebook.eco.

Por fim, concluímos que, embora nossas análises tenham se restringido a duas séries enunciativas, nosso propósito foi de demonstrar a relevância e urgência de tornar a Educação Ambiental parte do enfrentamento às fake news. Demonstramos como o uso da ferramenta de checagem de fato auxilia no processo de desconstrução da desinformação, podendo, com isso, servir de importante instrumento na prática político-pedagógica para a Educação Ambiental.

Referências

ALBUQUERQUE, Afonso. As Fake News e o Ministério da Verdade Corporativa. **Revista Eptic**, vol. 23, nº 1, 2021. Disponível em http://eptic.com.br/wp-content/uploads/2021/03/EPTIC_2021-1_12.pdf Acesso em: 08 jan. 2023

BARBIERI, José Carlos; SILVA, Dirceu da. Desenvolvimento sustentável e educação ambiental: uma trajetória comum com muitos desafios. **Rev. Adm. Mackenzie**, v. 12, n. 3, Edição Especial, p. 51-82, 2011.

BENEVIDES, Pablo Severiano. **O dispositivo da verdade**: uma análise a partir do pensamento de Michel Foucault. 2013. 511f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE.

CAVALCANTI, Clóvis. Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico-econômica. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, 2012.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DANOWSKI, Deborah. **Negacionismos**. São Paulo: n-1 edições (série Pandemia), 2018.

DA SILVA JUNIOR, Joseeldo Pereira; DA SILVA, Francisco Vieira. ENFRENTANDO AS FAKE news: MEMES COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA CHECAGEM DE FATOS. **PERcursos Linguísticos**, v. 10, n. 24, p. 167-184, 2020.

DIAS, Reinaldo. **Gestão ambiental**: responsabilidade social e sustentabilidade. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

DINIZ, Eliezer M.; BERMANN, Celio. Economia verdade e sustentabilidade. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, 2012.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 308 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DUNKER, Christian. Subjetividade em Tempos de Pós-verdade. *In*: **Ética e Pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017, p.11-41.

EGOSHI, Koiti. **A falácia do desenvolvimento sustentável**. 1. ed. São Paulo: AgBook, 2019.

FAGUNDES, Vanessa Oliveira; MASSARANI, Luisa; CASTELFRANCHI, Yuri et al. Jovens e a sua percepção sobre fake news na ciência. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.** v. 16, n. 1, 2021.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio.; DRUMMOND, Carine Caetano. Entre fatos, boatos e vontades de verdades: os sentidos produzidos pela mídia na política brasileira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, v.16, n.1, p. 26-51, set. 2018.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC/Fortaleza: Armazém da Cultura, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p. 35-54.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

JACOBI, Pedro; LUZZI, Daniel. Educação e Meio Ambiente – um diálogo em ação. In: 27º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação-Anped, 2004, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Caxambu, Rio de Janeiro/RJ, 2004, p. 01-14. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt22/t2211.pdf> Acesso em: 28 ago. 2021.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205, 2003.

LEFF, Enrique. Ecologia política e saber ambiental. In: **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. Trad. Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEITE, José Correa. Controvérsias científicas ou negação da ciência? A agnotologia e a ciência do clima. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 179-189, jan.-mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v12n1/09.pdf>.

OLAVO, Carvalho de. **O mínimo que você precisa para não ser um idiota**. BRASIL, F. M. (Org). 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

OLIVEIRA, Thaianne Moreira de. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. e5374, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5374>. Acesso em: 08 jan. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Benin goes on digital offensive against COVID-19**. OMS, 09 abr. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/feature-stories/detail/benin-goes-on-digital-offensive-against-covid-19>. Acesso em: 06 jan. 2023.

CARVALHO, Olavo de. **A inversão revolucionária em ação** - Cartas de um terráqueo ao Planeta Brasil: Volume IV. Vide Editorial, 2015.

PAGOTTO, Erico Luciano. **Greenwashing**: os conflitos éticos da propaganda ambiental. 2013. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.100.2013.tde-22072013-141652. Acesso em: 2017-08-22.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Educação Ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade. **Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 2, p. 19-31, 1998.

PROCTOR, Robert N. Agnotology: a missing term to describe the cultural production of ignorance (and its study). In: PROCTOR, Robert N.; SCHIEBINGER, Londa. (Orgs.) **Agnotology**: the making and unmaking of ignorance. Stanford: Stanford University Press, 2008.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago., 2005.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel. (Orgs.) **Educação Ambiental**: pesquisas e desafios. – Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 17-45.

SILVA, Francisco Vieira; SILVA, Joseeldo Junior da. Mentiras sinceras (não) me interessam: estratégias biopolíticas do Ministério da Saúde no combate às fake news. **Revista Intersecções**, Jundiaí, v. 12, n. 27, p. 226-246, maio 2019. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1395>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SILVA, Francisco. Vieira. da; SILVA JÚNIOR, Joseeldo. da. O elixir da cura sob suspeita: uma análise discursiva de fake news sobre a cloroquina checadas pela Agência Lupa. **Revista Práxis**, [S. l.], v. 2, p. 51–72, 2021. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2502>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Hamlet**, príncipe da Dinamarca (Lawrence Flores Pereira, trad.). São Paulo-SP: Penguin-Companhia, 2015.

RECUERO, Raquel.; SOARES, Felipe Bonow. A desinformação sobre meio ambiente no Facebook: o caso das queimadas no Pantanal brasileiro. **Journal of Digital Media & Interaction**, v. 3, n. 8, 2020, p. 64-80. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/jdmi/article/view/21243>. Acesso em: 28 ago. 2021.

RODRIGUEZ, José Rodrigo. "Perversões": estratégias de dominação do novo ciclo autoritário. **Novo Estudo. Cebrap**, v. 39, n. 02, p. 371-393, 2020.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Desenvolvimento sustentável: uma perspectiva econômico-ecológica. **Estudos avançados**, v. 26, n. 74, 2012.

VACCHIANO, Marcelo C.; SANTOS, Jeater WMC; ANGEOLETTO, Fábio et al. Do Data Support Claims That Brazil Leads the World in Environmental Preservation? **Environmental Conservation**, v. 46, p. 188-120, 2019.

VEIGA, José Eli da. A primeira utopia do antropoceno. **Ambiente & Sociedade**, v. 20, n. 2, 2017.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação**: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020.

VOSS, Jefferson; NAVARRO, Pedro. A noção de enunciado reitor de Michel Foucault e a análise de objetos discursivos midiáticos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 1, p. 95-116, 2013. Acesso em: 06 jan. 2023.

Submetido em: 27-09-2021.

Publicado em: 14-04-2023.